

ANAIS DO
VI SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITARIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

TRABALHO LIVRE E TRABALHO ESCRAVO.

VOLUME II

XLIV

Coleção da *Revista de História* sob a direção
do Prof. Eurípedes Simões de Paula.



SÃO PAULO — BRASIL
1973.

RELACIONAMENTO ENTRE CURSOS UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA E ARQUIVOS E MUSEUS (*).

ANTONIETA DE AGUIAR NUNES

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Pode parecer redundante que num Simpósio de professores universitários de História, a maioria dos quais bastante familiarizados com a lide nos arquivos eu venha falar do possível relacionamento de cursos universitários de História com Arquivos e Museus. Acontece porém que a maior parte dos nossos contactos com os arquivos (não a totalidade, felizmente) se dá de modo individual e esporádico através das pesquisas que fazemos para os trabalhos históricos.

É um contacto que embora enriquecedor individualmente, nem sempre dinamiza e põe a instituição (arquivo) a serviço de uma comunidade mais ampla.

Por outro lado, grande parte dos nossos cursos universitários de História (e aqui repito: não a totalidade, felizmente) são demasiado livrescos e teóricos, não propiciando ao aluno o hábito de consulta aos documentos, os instrumentos de trabalho necessários para bem entendê-los e criticá-los, a ocasião de confrônto de documentos escritos com documentos cartográficos, iconográficos, museográficos, etc.

Para os dois tipos de instituição (cursos universitários de História de um lado, e arquivos, mapotecas e museus de outro) seria de grande interesse e bastante fecundo um contacto regular que os instrumentalizasse e dinamizasse.

Especialistas das duas instituições deveriam se responsabilizar pela formação básica do futuro historiador, dos alunos de História que

(*) . — Comunicação apresentada na 6ª sessão de estudos, Equipe B, no dia 9 de setembro de 1971 (*Nota da Redação*) .

pretendem vir a realizar pesquisas no futuro ou dedicar-se ao magistério superior. E mesmo aqueles alunos que se propõem ao magistério secundário precisam ter o contacto básico e o conhecimento das técnicas mais fundamentais de pesquisa histórica para um melhor entendimento, mais interiorizado do ramo de conhecimento que lecionarão de modo a transmitir a seus alunos um maior amor e entusiasmo pelos estudos históricos.

Procurando fazer uma experiência no sentido de contacto dos dois tipos de instituição, organizamos um curso programado intensivo de Técnicas de Pesquisa Histórica para monitores do Departamento de História da nossa Faculdade no Arquivo Nacional, Arquivo Histórico e Mapoteca do Itamaraty (Rio de Janeiro) e Arquivo Histórico e Museu Imperial (Petrópolis). Chamei-o de *programado* pelo cuidadoso preparo prévio, colocação explícita dos objetivos gerais do curso e de cada parte dele, conhecimento prévio por parte de todos os elementos envolvidos com o curso desses objetivos e dos comportamentos que se esperava de cada um, e preocupação com balanços e avaliações frequentes (diárias e ao fim de cada curso-unidade). *Intensivo* por ser um curso que apesar de sua extensão precisaria ser dado em um mês: férias de julho, ficando assim com uma média de 8 horas de aulas diárias, de segunda a sexta durante quatro semanas, fora as horas de balanço e avaliação do desenrolar dos trabalhos.

Da parte das instituições em que se realizou o curso, basicamente: Arquivo Nacional, Arquivo Histórico e Mapoteca do Itamaraty e Arquivo histórico e Museu Imperial de Petrópolis, tivemos a mais cordial acolhida e a melhor colaboração no cuidadoso preparo e execução de cada curso, o que nos demonstrou o interesse que também sentem os especialistas de instituições deste tipo em contactos mais frequentes com professores e alunos de cursos universitários de História.

Para um melhor conhecimento, possibilidade de uma discussão mais ampla e de adaptação às condições locais de cada um, achei de melhor alvitre divulgar o relatório detalhado final feito do curso, com as várias sugestões para aperfeiçoar tipos de curso assim e incrementar o relacionamento entre cursos universitários de história e instituições do tipo arquivos, mapotecas e museus.

Os objetivos gerais propostos para o curso como um todo (já explicitos no convênio realizado entre a PUC/SP e o Arquivo Nacional) foram os seguintes:

— complementar a formação dos alunos no que se refere às Ciências auxiliares e às técnicas de pesquisa histórica;

— dar um conhecimento geral e alguma habilidade prática em técnicas mais corriqueiramente empregadas pelo pesquisador em História;

— dar um conhecimentos dos principais instrumentos de trabalho do pesquisador, como encontrá-los e como utilizá-los quando necessário (dicionários antigos, listas de govêrno, mapas, etc.);

— fazer ver aos alunos a importância fundamental do uso da cartografia e a riqueza de informações que o historiador pode extrair dela;

— fazer sentir a necessidade do entrosamento de diversas disciplinas e do trabalho em equipe para a obtenção de resultados mais complexos e satisfatórios.

Estes objetivos nortearam todo o curso, porém cada curso-unidade foi também rigorosamente planejado, definidos seus objetivos específicos, feito o plano de curso, elaborada uma bibliografia especializada sôbre cada tema; tudo isto ficou pronto e foi distribuído aos professores e alunos participantes *antes* do início do curso, assegurando o conhecimento por parte de cada um do que iria ser feito e do que se esperava dêle.

De como o curso de desenvolveu nas suas 160 horas, como foram feitas as avaliações permanentes e dos resultados a que se chegou, tudo isto está explícito no relatório que anexo.

Falhas houve, algumas omissões de importância, mas tendo sido uma primeira experiência ela foi bastante rica e produtiva e dela podemos tirar fecundos exemplos para um intercâmbio regular e constante entre os dois tipos de instituição.

*

* *

RELATÓRIO DO CURSO PROGRAMADO INTENSIVO DE TÉCNICAS DE PESQUISA HISTÓRICA.

I. — ORGANIZAÇÃO.

A idéia do presente curso surgiu em fevereiro, de uma conversa entre a coordenadora do departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e o Chefe do Serviço de Pesquisa Histórica e vice-diretor do Arquivo Nacional, prof. José Gabriel da Costa Pinto. Falava-se do pouco entrosamento existente entre as instituições que

se dedicam ao ensino universitário de História e os arquivos e museus onde a História se documenta de uma maneira concreta, mostrando os problemas que cria, nos dois tipos de instituições, esta falta de entrosamento. Como as duas pessoas em causa pertenciam a tipos de instituições diversas e sentiam ambas o mesmo problema, começaram a conjecturar qual seria uma forma de iniciar um contacto efetivo entre elas.

Chegaram então à conclusão de que um curso prático, dado no Arquivo Nacional ou instituições semelhantes, sobre técnicas de pesquisa histórica e disciplinas auxiliares da História poderia funcionar, pois abriria enormemente o campo de conhecimento dos alunos, motivando-os por outro lado à pesquisa e trabalho em arquivos e museus.

Este curso deveria no entanto, para alunos de São Paulo, ser ministrado durante um período de férias, a fim de que eles pudessem se deslocar para o Rio de Janeiro e acompanhar efetivamente o curso.

Como se tratasse de uma experiência pioneira, pensou-se em fazer um curso piloto, cuidadosamente planejado e a cada passo avaliado para que, a partir dos resultados concretos obtidos, se pudesse pensar numa maneira mais permanente de manter o contacto entre estes dois tipos de instituição.

Levada a idéia ao prof. Raul do Rêgo Lima, diretor do Arquivo Nacional, este a apoiou integralmente dizendo que o Arquivo Nacional, estava bastante interessado neste tipo de contacto e que forneceria tôdas as facilidades possíveis para o bom funcionamento de um tal curso piloto.

Com a orientação permanente do prof. José Gabriel, conhecedor de instituições e dos especialistas em cada assunto no Rio de Janeiro, organizamos então uma lista de pequenos cursos que integrariam o curso maior de Técnicas de Pesquisa Histórica e discutimos qual a melhor maneira de fazermos com que este curso fôsse iminentemente prático, conseguindo o melhor nível possível de aprendizagem concreta. Como os funcionários e especialistas de Arquivos e Museus nem sempre exercem atividades didáticas ou estão a par das mais recentes técnicas pedagógicas, ficou resolvido que a coordenadora do departamento de História da Faculdade de São Bento viria semanalmente ao Rio de Janeiro para conversar com cada professor, fazer os planos detalhados de curso, sugerir recursos pedagógicos práticos e eficientes, discutindo a fixação e avaliação da aprendizagem, orientando, enfim, didaticamente, cada professor.

Surgiram então os dois primeiros textos referentes ao Curso: o primeiro deles com a programação geral e o segundo com sugestões

aos professores para o planejamento do curso, enviados a todos os prováveis professores para estudo e depois a conversa com eles começava na discussão e esclarecimento dos referidos textos, partindo-se em seguida para um planejamento de cada curso.

Semanalmente, durante todo o primeiro semestre letivo deste ano, com algumas falhas devido a acúmulo de serviço em São Paulo ou reuniões de Conselho Departamental, esteve a coordenadora durante as quintas-feiras no Rio de Janeiro organizando com cada professor seu plano de curso, planejando exercícios práticos, recursos didáticos a serem usados, etc.

Por necessidade do tipo de curso proposto, precisamos recorrer a especialistas de outras instituições: Arquivo Histórico e Mapoteca do Ministério de Relações Exteriores e Arquivo Histórico e Museu Imperial de Petrópolis. Tanto da parte dos especialistas consultados como de suas instituições recebemos uma boa acolhida e um grande apóio, tornando possível o término de todos os planos de curso em fins de junho, de modo que todos os participantes, antes de se iniciar o curso, tinham claro os objetivos de cada curso, o modo com se desenvolveria e o que se iria esperar de cada um.

Durante o primeiro semestre foram também mantidos contactos em São Paulo e Rio de Janeiro sobre o modo de oficializar o curso e chegamos finalmente ao Convênio entre a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Por outro lado havia um problema de que teríamos que ter, ao menos neste curso inicial, um número reduzido de alunos. Como selecioná-los, porém? Como o número máximo inicial admitido fôsse de doze alunos e o Departamento de História da Faculdade de São Bento estivesse trabalhando naquele semestre com 18 monitores, tive a idéia de apresentar o curso para monitores, o que apresentaria uma série de vantagens:

- os alunos monitores poderiam melhor auxiliar a organizadora do curso nos balanços diários e avaliações de curso pois já estavam acostumados a este tipo de crítica em equipe com o seu professor responsável;

- haveria melhores resultados para a Pontifícia Universidade Católica pois alunos monitores integram as equipes pedagógicas e assim eles poderiam levar aos demais alunos, pelo menos em parte, a experiência adquirida;

- eles já seriam treinados em técnicas de pesquisa prática, conheceriam os problemas que o pesquisador enfrenta, ficando já com

uma sólida base para o prosseguimento dos seus estudos em nível de pós-graduação;

— e por fim, dentro de espírito de equipe docente que ora rege a reestruturação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, estaríamos assim preparando e dando treinamento adicional a elementos com os quais precisaremos contar quando fôr implantada a Reforma nos cursos de graduação, a partir de 1972.

De fato então, o curso foi anunciado aos monitores e a alunos que os professores pretendiam viessem a ser seus monitores em semestres vindouros. Houve uma série de reuniões com os interessados explicando os objetivos do curso e ainda que eles deveriam vê-lo não só na qualidade de alunos, mas sim como monitores, isto é, membros de equipes docentes, e portanto precisariam colaborar com balanços diários e de cada curso na avaliação pedagógica deste curso piloto fazendo apreciações, críticas e sugestões com vistas à realização de cursos semelhantes no futuro.

Com o auxílio destes monitores é que foram mimeografados e organizados em São Paulo todos os planos de curso dentro do Curso geral de Técnicas de Pesquisa Histórica, distribuídas antes do início do curso no Rio de Janeiro, a todos os interessados.

Como a realização de um tal curso se enquadra muito mais dentro da Universidade re-estruturada do que nos cursos antigos, a realização do curso foi levada ao conhecimento dos professores das disciplinas específicas de História do Ciclo Básico, tendo o prof. Holien Gonçalves Bezerra se disposto a participar do curso, ajudando inclusive na avaliação pedagógica do mesmo, durante o seu andamento no Rio de Janeiro.

Além disso, como um dos monitores participantes seria o prof. Walter Cavallari de Queiroz Guerreiro que no primeiro semestre fizera o roteiro de uma coleção de *slides* sobre Pré-História Brasileira e se propusera a realizar coleções de *slides* de interesse específico do Departamento de História, desde que lhe fôsse fornecido o material, solicitei, através da diretoria da Faculdade de São Bento, verba para a aquisição de filmes (e revelação, molduras, arquivos) que foi prontamente concedida de modo que pudemos então pensar também em coleções específicas de *slides* a serem confeccionados durante a nossa estada no Rio de Janeiro.

Um último problema precisa ser mencionado por que embora não seja de ordem estritamente pedagógica, tem sérias influências sobre o bom andamento das atividades: é o problema de alojamento. Desde

que começamos a preparar o curso que vimos pensando nas várias soluções possíveis e por fim a solução proposta: aluguel de um apartamento pelo grupo durante o mês de julho, acabou não funcionando por falta d'água no prédio encontrado e a turma se dispersou em casas de parentes e conhecidos, alguns acabaram não ficando bem alojados, o que prejudicou no final o bom ritmo dos cursos. Foi um problema que não conseguimos resolver satisfatoriamente, não obstante os cuidados e tentativas durante todo o primeiro semestre.

*

II. — REALIZAÇÃO DO CURSO PRÓPRIAMENTE DITO.

O “Curso Programado Intensivo de Técnicas de Pesquisa Histórica” foi constituído, como já ficou claro, de uma série de pequenos cursos dados por especialistas em cada setor ou assunto, das diversas entidades participantes. Além desse curso, algumas atividades extras foram previstas a fim de complementar alguns dos cursos ministrados.

Todo o curso com suas diversas atividades foi acompanhado pela organizadora do mesmo e durante a primeira metade, também pelo prof. Holien Gonçalves Bezerra. Estes professores se encarregavam de esclarecer dúvidas dos alunos, fazer as associações entre os diversos conhecimentos adquiridos e fundamentalmente organizar e orientar os balanços diários e os relatórios do fim de cada curso.

Embora se tenha procurado fazer o planejamento o mais detalhado possível, o fato de ser um curso piloto levaria sem dúvida a uma série de imperfeições que precisariam ser detectadas para melhor funcionamento de cursos futuros. Assim sendo, diariamente, após os cursos da tarde era feita uma reunião dos alunos monitores com os professores da Pontifícia Universidade Católica para um balanço de todas as atividades pedagógicas do dia, que eram cuidadosamente revisadas e construtivamente criticadas. Quando terminava cada um dos cursos ou alguma atividade extra, os professores elaboravam um roteiro para balanço crítico e auto-avaliação feita por escrito, por cada aluno monitor e que deveria ser entregue no dia seguinte ao término do curso ou atividade. Com estes relatórios na mão, os professores os analisavam e procuravam fazer uma síntese englobando todas as apreciações, críticas e sugestões em ordem lógica, acrescentando por fim as suas próprias opiniões e esta síntese era colocada novamente ao grupo reunido para que todos vissem os aspectos que não tinham percebido mas que um colega ou o professor apontou, e mesmo completassem um ou outro ponto que, dada uma visão geral, aparecia enfraquecido.

Desta maneira conseguimos um acompanhamento constante e permanente de tôdas as atividades, adaptando, quando necessário e possível, as atividades previstas aos interesses e sugestões de alunos e professores.

No fim do curso também foi distribuído aos alunos para entregarem em São Paulo um roteiro para um balanço geral do curso como um todo. Também êste, depois de entregue foi organizado pela coordenadora e discutido com os membros participantes do curso, numa reunião em São Paulo.

Só então nos consideramos com todos os elementos para redigir o presente relatório.

*

CRONOLOGIA.

No planejamento que havia sido feito até fins de junho, previmos um cronograma das diversas atividades do curso que foi, no geral, cumprido, com apenas algumas modificações de troca de horário, poucas substituições, algumas adaptações.

Para têmos uma idéia de como decorreu efetivamente o curso, antes de comentarmos quanto a conteúdo e metodologia cada uma das atividades, damos uma cronologia detalhada das mesmas.

Dia 5 de julho, segunda-feira.

Manhã: Visita guiada à exposição retrospectiva do Arquivo Nacional, especialmente organizada para dar aos alunos do nosso curso uma idéia da evolução do Arquivo Nacional desde o seu surgimento até os nossos dias.

Abertura oficial do curso feita pelo Dr. Raul do Rêgo Lima em que nos mostrou o organograma e explicou o funcionamento das diversas seções do Arquivo Nacional.

Passamos em seguida à sala de aula onde a Profa. Regina Alves Vieira, chefe da Seção do Ministério do Arquivo Nacional iniciou o seu curso sobre Organização e classificação de documentos.

Tarde: Teve início, na mapoteca do Itamaraty, o curso de Cartografia Histórica, com a Profa. Isa Adonias, chefe da referida mapoteca.

*

Dia 6 de julho, terça-feira.

Manhã: Exercícios práticos de Organização e classificação de documentos na Seção dos Ministérios do Arquivo Nacional com a Profa. Regina Alves Vieira.

Tarde: Aula e exercícios de Cartografia, na mapoteca do Itamaraty com a Profa. Isa Adonias.

*

Dia 7 de julho, quarta-feira.

Manhã: Terceira e última aula, com exercícios práticos, de Organização e classificação de documentos com a Profa. Regina Vieira.

Tarde: Visita ao Museu Nacional, guiada pelo Prof. Vitor Stawiarski.

*

Dia 8 de julho, quinta-feira.

Manhã: Visita detalhada, guiada pelos chefes ou responsáveis, a cada uma das seções do Arquivo Nacional.

Tarde: Cartografia, na mapoteca do Itamaraty, com a Profa. Isa Adonias.

Visita com ela, à Comissão Brasileira de Demarcação de Limites onde o Prof. Francisco Loncan nos deu as várias explicações necessárias.

*

Dia 9 de julho, sexta-feira.

Manhã: Início do curso de Conservação e manuseio de livros e documentos antigos, pelo Prof. Alfredo Ferreira de Souza, do Arquivo Nacional.

Tarde: Continuação do curso de Conservação e manuseio de livros e documentos antigos, no Arquivo Nacional, com o Prof. Alfredo Ferreira de Souza.

*

Dia 12 de julho, segunda-feira.

Manhã: Entelagem de mapas, no Arquivo Nacional, com o Prof. Alfredo Ferreira de Souza.

Tarde: Cartografia, na mapoteca do Itamaraty, com a Profa. Isa Adonias.

*

Dia 13 de julho, terça-feira.

Manhã: Fim da aula de entelagem de mapas e aula sôbre encadernação de brochuras e livros, no Arquivo Nacional, com o Prof. Alfredo Ferreira de Souza.

Tarde: Início do curso de Organização de Arquivos no Arquivo Histórico do Itamaraty, com as Profas. Marta Maria Gonçalves e Nadir Duarte Ferreira, com a presença do Prof. José Gabriel da Costa Pinto, do Arquivo Nacional.

*

Dia 14 de julho, quarta-feira.

Manhã: Início do curso de Bibliografia básica para História do Brasil, na biblioteca do Arquivo Nacional, com o Prof. José Pires dos Santos.

Tarde: Exercícios de manuseio dos catálogos no Arquivo Histórico do Itamaraty com as Profas. Marta Maria Gonçalves e Nadir Duarte Ferreira.

Palestra (informal) do Prof. Donato Mello Junior sôbre os problemas práticos que enfrenta um pesquisador de História da Arte (no Arquivo Histórico do Itamaraty).

*

Dia 15 de julho, quinta-feira.

Manhã: Continuação do curso de Bibliografia básica sôbre História do Brasil na biblioteca do Arquivo Nacional com o Prof. José Pires dos Santos.

Tarde: Exercícios práticos sôbre Missões Diplomáticas no estrangeiro orientados pela Profa. Marta Maria Gonçalves, no Arquivo Histórico do Itamaraty.

Explicações e exercícios sôbre Governos estrangeiros, pelo Prof. José Gabriel da Costa Pinto, no Arquivo Histórico do Itamaraty.

*

Dia 16 de julho, sexta-feira.

Manhã: Aula sôbre Microfilmes, na seção de microfilmagem do Arquivo Nacional pelo Prof. Arlindo da Silva Belém.

Tarde: Fim do curso de organização de Arquivos no Arquivo Histórico do Itamaraty, com a Profa. Marta Maria Gonçalves.

Fim do curso de Cartografia na mapoteca do Itamaraty, com a Profa. Isa Adonias.

*

Dia 19 de julho, segunda-feira.

Manhã: Início do Curso de Heráldica, no Arquivo Nacional, ministrado pelo Prof. Paulo Braga de Menezes.

Tarde: Início do curso de Trabalho Historiográfico pròpriamente dito, ministrado pela equipe do Serviço de Pesquisa Histórica do Arquivo Nacional chefiado pelos Profs. José Gabriel da Costa Pinto e Myrthes da Silva Ferreira.

*

Dia 20 de julho, terça-feira.

Manhã: Curso de Heráldica, Prof. Paulo Braga de Menezes, no Arquivo Nacional.

Tarde: Curso sôbre Trabalho Historiográfico pròpriamente dito, pela equipe do Serviço de Pesquisa Histórica do Arquivo Nacional.

*

Dia 21 de julho, quarta-feira.

Manhã: Curso de Heráldica.

Tarde: Trabalho Historiográfico pròpriamente dito.

*

Dia 22 de julho, quinta-feira.

Manhã: Curso de Heráldica.

Tarde: Trabalho Historiográfico pròpriamente dito.

*

Dia 23 de julho, sexta-feira.

Manhã: Término do Curso de Heráldica, ministrado pelo Prof. Paulo Braga de Menezes.

Tarde: Término do Curso de Trabalho Historiográfico pròpriamente dito pela equipe do Serviço de Pesquisa Histórica do Arquivo Nacional.

*

Dia 24 de julho, sábado.

Todo o dia: Visita a Valença, com os Profs. Paulo Braga de Menezes, José Pires dos Santos e José Marques dos Santos.

*

Dia 26 de julho, segunda-feira.

Manhã: Introdução ao Curso de Prática de Pesquisa Integrada no Arquivo Histórico e Museu Imperial de Petrópolis pelos Profs. Gerardo Brito Raposo da Câmara e Maria Amélia Migueis.

Tarde: Pesquisa bibliográfica sobre a Formação de Petrópolis (ênfase no valor sócio-econômico).

Noitinha: Projeção de slides e fotografias sobre Petrópolis e o Museu Imperial.

*

Dia 27 de julho, terça-feira.

Manhã: Aula prática de museologia no *Bric-à-brac* do Museu Imperial. Visita guiada ao Museu pròpriamente dito; visita à Cia. Imobiliária com explicações do príncipe D. Pedro Gastão de Orléans e Bragança e em seguida visita à residência do mesmo, em Petrópolis.

Tarde: Pesquisa documental, cartográfica e iconográfica sobre a Formação de Petrópolis com um seminário sobre o assunto, no fim da tarde.

*

Dia 28 de julho, quarta-feira.

Manhã: Pesquisa integrada sobre D. Pedro Regente (ênfase no valor político). Seminário-síntese no fim da manhã.

Tarde: Pesquisa integrada sobre a Princesa Isabel (ênfase no valor biográfico). Seminário-síntese sobre o tema no fim da tarde.

*

Dia 29 de julho, quinta-feira.

Manhã: Seminário final, sobre o tema Formação de Petrópolis, com a participação do Prof. Lourenço Luiz Lacombe, diretor do Museu Imperial.

Tarde: Visita guiada a vários pontos de interesse histórico de Petrópolis: prédio da Câmara, Mausoléu, Estrada Velha, Casa do Padre Correia; com a participação dos Profs. Lourenço Luiz Lacombe, Gerardo Brito da Câmara, Maria Amélia Migueis e Aurea Maria de Freitas Carvalho do Museu e Arquivo Imperial.

*

Dia 30 de julho, sexta-feira.

Encerramento oficial do Cuso, com um almoço oferecido aos alunos e Profissões participantes pelo D. Raul do Rêgo Lima, no Restaurante Sol e Ma.

*

CURSOS E ATIVIDADES.

ARQUIVO NACIONAL: histórico, organograma, visita às seções. Duração: 6 horas ao todo.

A exposição retrospectiva do Arquivo Nacional deu-nos uma idéia do que era e vem sendo esta instituição desde a sua “criação” na constituição de 1824 e seu efetivo funcionamento em dependências do Ministério do Império em 1838 até os nossos dias.

Em seguida a clara exposição do Dr. Raul Lima sobre o organograma do Arquivo Nacional e o estado atual de cada uma das seções (parte esclarecida em maior detalhe pelos profs. Deusdedit Leandro de Oliveira e Myrthes da Silva Ferreira) nos deram uma visão de como funcionava o Arquivo.

Tal visão se concretizou e consolidou dias depois, com a visita guiada que fizemos (no dia 8, quarta-feira) às diversas dependências do Arquivo em que o funcionamento prático e acervo de cada seção nos foi explicado pelo funcionário responsável.

O modo como nos foi apresentado o Arquivo Nacional foi portanto essencialmente prático, obedecendo a um encadeamento lógico que nos permitiu ter uma visão clara e precisa do que é esta instituição.

A crítica feita neste caso foi ao fato de que a visita ao Arquivo Nacional ficou isolada do contexto das outras duas explicações que tivemos sobre o Arquivo (exposição retrospectiva e palestra sobre o organograma, do Dr. Raul). Ela deveria ter sido programada pela organizadora do curso para ocorrer logo no primeiro dia, em sequência às duas atividades mencionadas e não se começar um curso com um tempo reduzidíssimo e que ficou meio corrido no primeiro dia, como adiante se verá.

Por outro lado, ela foi quase que casual pois ocorreu em decorrência da falta por doença em família, do professor programado para aquela manhã, e um tanto improvisada; algumas seções que foram avisadas com antecedência prepararam material de interesses para mostrar aos alunos (como a Documentação Sonora e a Seção Histórica), mas em outras às vezes nem encontramos o funcionário encarregado, precisando ir chamá-lo em outra seção.

Mas ela foi fundamental para um entendimento prático do que é o Arquivo, o tipo de documento que possui e como funciona realmente cada seção.

Em futuros cursos portanto, fazer da visita guiada ao Arquivo uma atividade programada, segundo a palestra explicativa sobre seu organograma, tudo logo no primeiro dia.

*

ORGANIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS.

Duração: 9 horas.

Com este curso nos familiarizamos com o princípio do *Respect des Fonds*, ficamos conhecendo a distinção entre “fundo documental” e “coleção”, a diferença entre a interpretação americana e francesa sobre os fundos, e o sistema de classificação dos documentos em fundos documentais usado pela Seção dos Ministérios do Arquivo Nacional.

Ainda durante duas manhãs inteiras aprendemos a fazer na prática a classificação de documentos nos diversos fundos, verificando o fichário de fundos já existentes, elaborando novas fichas quando necessário, etc.

Inicialmente a profa. Regina expôs toda a parte teórica, que ficou um pouco corrida por ter ficado espremida depois da visita à exposição retrospectiva e palestra do Dr. Raul de Lima. Alguns pontos ficaram portanto obscuros, mas foram esclarecidos posteriormente quando da realização dos exercícios práticos nas duas manhãs que se seguiram. Para provocar uma motivação mais direta a profa. Regina escolheu para os alunos classificarem uma correspondência da província de São Paulo, o que não chegou a atingir o efeito didático proposto, pois os alunos queixaram-se de que não tinham tempo de ler e se interessar pelos assuntos pois lhe diziam que ali deveriam apenas aprender a classificar os documentos; e por sua vez, sendo a maior parte correspondência com Presidentes de Província iam quase todos para o mesmo fundo, não propiciando uma aprendizagem diversificada, o que a profa. Regina procurou corrigir no segundo dia de exercícios práticos (último do seu curso) já escolhendo previamente documentos diversificados e com alguns problemas interessantes para os alunos classificarem.

Além disso os alunos sentiram falta, na transição da parte teórica para a prática, de exercícios de localização dos documentos já classificados e fichados nos diversos “fundos”, exercícios estes que esta-

vam programados no plano de curso, mas que estavam previstos para o primeiro dia do curso da profa. Regina e não foram feitos por falta de tempo. Esta parte é a que mais interessa ao historiador que vai lidar com arquivos na qualidade de pesquisador que precisa encontrar o que procura e não de arquivistas que sabem classificar corretamente os documentos (justifica-se a ênfase que foi dada neste curso piloto, pois a profa. Regina leciona esta matéria no Curso Permanente de Arquivos do Arquivo Nacional, que é ministrado fundamentalmente para arquivistas).

Foi sugerido então que em cursos futuros, mude-se o título do curso para *Localização de um documento no Arquivo a partir de sua organização e classificação*, dando mais ênfase ao que o historiador vai precisar saber e não o arquivista.

O Curso na Seção dos Ministérios poderia ser assim reduzido para duas manhãs apenas e por outro lado os alunos deveriam tomar conhecimento e se familiarizar com os fichários e sistemas de organização e classificação das demais seções de interesse documental do Arquivo.

*

VISITA AO MUSEU NACIONAL.

Duração: 3 horas.

Foi uma atividade não planejada previamente e que veio preencher a lacuna de um professor que não pudera comparecer aquele dia. Como o monitor Walter Guerreiro precisava ir ao Museu Nacional fazer uma série de *slides* programados, resolvemos ir todos visitar o Museu Nacional, com um entendimento prévio entre o Arquivo Nacional e a diretoria do Museu.

No Museu fomos recebidos e magistralmente guiados pelo prof. Vitor Stawiarski.

Foi uma atividade improvisada, fugindo um pouco da temática central do curso, mas teve seus aspectos positivos: é uma instituição também histórica e sua apresentação foi feita de modo bem interessante, sugerindo a futuros professores uma maneira de introduzir as visitas a museus como elemento pedagógico vivo.

*

CONSERVAÇÃO E MANUSEIO DE DOCUMENTOS E LIVROS ANTIGOS.

Duração: 16 horas.

Neste curso aprendemos como deve ser tratado em livro ou documento para conservar-se sempre em bom estado, como manusear livros e documentos, que não devemos fazer uso de giletes, objetos cortantes, durex, alfinetes, grampos ou *clips* nem dobrar folhas de livros, documentos ou mapas; aprendemos como manusear corretamente documentos já estragados e aprendemos princípios básicos de restauro de documentos: banhos, produtos a aplicar, restauro com acetato de celulose, etc; aprendemos como entelar e conservar mapas antigos e ainda os princípios básicos de encadernação de brochuras e livros.

As aulas foram ministradas na seção de Restauração do Arquivo Nacional e foram essencialmente práticas, com cada aluno realizando de fato parte do processo que estava sendo ensinado a cada momento.

No balanço final dêste curso, êle foi considerado muito bom, bastante útil e descansativo por se mudar o tipo de atividade (sair da atividade puramente intelectual para uma que requer também grande habilidade manual).

Uma das críticas feitas foi que a parte de encadernação de brochuras deveria ter sido extendida com exercícios completos por cada aluno (que traria previamente apostilas, por exemplo, e as encadernaria, aprendendo) enquanto que a parte de encadernação de livros poderia ser suprimida por ser muito extensa e quando necessário enviarmos os livros ao encadernador. Apenas seria útil uma demonstração do que seja uma boa encadernação, defeitos mais comuns etc., e não a aprendizagem do processo em si, que inclusive envolve tôda uma aparelhagem (prensa, serrote, máquina de cortar, etc.) que em geral nunca o historiador terá em casa.

A outra crítica foi em relação ao preparo prévio da aula pelo professor que deveria ter sido mais completo do que o foi, pois algumas vezes tivemos que perder precioso tempo esperando que se fôsse comprar tachinhas fora do Arquivo, adquirir alguns materiais necessários que não estavam à mão, etc. Isso se deveu, certamente à pouca experiência didática do prof. Alfredo, e é facilmente corrigível.

*

BIBLIOGRAFIA BÁSICA DE HISTÓRIA DO BRASIL.

Duração: 8 horas.

Neste curso tivemos uma espécie de resenha sobre as principais fontes bibliográficas e catálogos de documentos que deveremos con-

sultar em pesquisas sobre História do Brasil e ainda tipos de documentos e sua diferenciação: memória, ofício, carta, relação, requerimento, processo, etc.

O curso foi ministrado na Biblioteca do Arquivo Nacional onde o prof. Pires ao mesmo tempo que tecia o comentário crítico sobre as principais obras mencionadas, mostrava grande parte delas aos alunos para as manusearem, vendo na prática o que são e como são; no fim foi feita uma visita às estantes da biblioteca mostrando as obras mais importantes.

O ambiente porém não era apropriado pelo barulho da rua, cadeiras sem lugar para se apoiar o papel e tomar anotações, tudo isto agravado pela voz baixa do professor.

A parte planejada de demonstrar como é feita a pesquisa no Arquivo Nacional e exercícios para os alunos aprenderem a pesquisar por si próprios algum assunto na biblioteca e nas seções do Arquivo não foi realizada por exigüidade do tempo disponível.

Os alunos acharam ter sido necessária uma explanação introdutória sobre a importância capital deste assunto e razões de sua inserção num curso de Técnicas de Pesquisa Histórica, pois se sentiram um pouco jogados num mundo de informações e comentários sobre livros sem entender, no primeiro momento, a sua finalidade.

Por outro lado, acharam também que seria bem mais didático, facilitando muito o acompanhamento se houvesse sido *prêviamente* distribuída uma apostila com as principais obras básicas e com ela, eles pudessem acompanhar os comentários críticos e anotarem as observações do prof. Pires.

*

MICROFILMES.

Duração: 4 horas.

O curso havia sido programado com o título *Reprografia*: confecção e conservação e teria como objetivos dar ao aluno conhecimento dos principais meios de reprodução de documentos, especificações de cada meio, em que caso devem ser particularmente usados, etc. e levar o aluno a saber manusear e conservar os diversos meios de reprodução de documentos.

Já em conversa com o prof. Flamarion Siqueira Ferri, chefe da Seção de Microfilmagem do Arquivo Nacional, ele havia reduzido o seu escopo para uma programação especial de treinamento em microfilmes apenas, pois era o que a sua seção seria melhor capaz de oferecer.

Com a licença (creio que para férias) do prof. Flamarion, ficou encarregado de ministrar o curso o técnico Arlindo da Silva Belém que não obstante a imensa boa vontade apresentada, confessou-se não capacitado a dar o curso nos moldes programados de um modo mais geral pelo prof. Flamarion (o que é microfilme, para que serve, vantagens e desvantagens, equipamento, manuseio e leitura, conservação e arquivamento, aspecto legal) limitando-se à parte de equipamento e como funciona.

Ele então explicou detalhadamente o equipamento necessário para microfilme (aliás, diga-se de passagem que o Arquivo Nacional possui um equipamento bastante moderno e eficiente neste setor), mas houve uma dispersão geral pois só dois alunos tinham conhecimentos fotográficos prévios de modo a permitir uma assimilação satisfatória.

Por outro lado, grande parte do tempo foi gasta na fotografia em microfilme de uma seleção de textos do “Rio Antigo” de interesse para a disciplina História do Brasil, que nos foi doado pelo Arquivo Nacional.

A falha deste curso foi em parte sanada pela distribuição da apostila sobre *Microfilmes*, providenciada pelo funcionário Jaime Antunes da Silva, da Seção de Pesquisa Histórica do Arquivo Nacional que nos forneceu informações sobre a História do microfilme, por que e como microfilmar, aplicação das técnicas de microfilmagem, vantagens da microfilmagem, critérios para microfilmar (de ordem documental, de ordem técnica e legal e de ordem arquivística), processos da microfilmagem e uma bibliografia sobre microfilmagem que os interessados poderão vir a consultar no futuro. Foi muito útil e oportuna a distribuição desta apostila.

Embora fôsse bastante prático o curso sobre microfilmes, foi no entanto pouco útil para a maioria dos alunos e do modo como foi dado poderia, sem prejuízo, ser suprimido em cursos futuros. O que necessitaríamos, sim, seria uma visão global dos diversos meios de reprografia de documentos, como foi proposto inicialmente.

*

ORGANIZAÇÃO DE ARQUIVOS (ITAMARATY).

Duração: 16 horas.

Com êste curso verificamos a organização racional de um Arquivo governamental, soubemos como vem funcionando a estrutura do Ministério de Relações Exteriores desde a sua fundação, aprendemos a procurar os documentos no catálogo e conhecemos documentos de várias das divisões do Organograma do Arquivo Histórico do Itamaraty.

O curso foi dado na sala de leituras do Arquivo do Itamaraty, e a cada explicação teórica por parte dos profs. Marta Maria Gonçalves, Nadir Duarte Ferreira e José Gabriel da Costa Pinto, seguiam-se abundantes exercícios práticos com consulta direta à documentação, em que aprendemos a localizar o documento, lê-lo e resumí-lo, relacionar vários documentos de um mesmo assunto acompanhando o desenrolar da questão, etc. Durante todo o tempo tivemos a solícita assistência dos três professores nos exercícios práticos.

Houve ainda a palestra informal do prof. Donato Mello Júnior, bastante prática, mostrando-nos as dificuldades do trabalho do pesquisador em História, encaixando-se muito bem, apesar de não previamente planejada, no contexto do curso.

Sentia-se no planejamento e execução do curso, o trabalho de equipe; o curso foi bem planejado e bem dado. Foi importante por ter dado o contacto prático com o documento. Pena não se ter mais tempo para ler com mais vagar e assimilar melhor os diversos conteúdos dos documentos.

A única crítica feita foi ao fato de que os alunos se familiarizaram com apenas um dos catálogos, não ficando presente o fato que havia uma série de outros catálogos e que os exercícios sobre aquele visto eram apenas exemplificativos, devendo-se agir do mesmo modo em relação aos demais catálogos.

Foi realmente importante por dar uma visão de uma organização e um tipo de documentação diferentes da que tomamos conhecimento no Arquivo Nacional.

*

CARTOGRAFIA HISTÓRICA.

Duração: 20 horas.

Este curso foi sem dúvida um dos mais interessantes e produtivos para todos os participantes. Nele aprendemos o que é Cartografia, sua evolução até os dias atuais, o mapeamento do território brasileiro através dos tempos; a representação da superfície terrestre no mapa: o processo cartográfico através dos tempos; evolução de conhecimentos e técnicas; a metodologia de análise e interpretação de mapas antigos e conhecemos, comentados, alguns trabalhos de análise e interpretação de mapas antigos publicados recentemente.

O curso foi ministrado na Mapoteca do Itamaraty pela profa. Isa Adonias. O planejamento prévio foi minucioso e excelentemente bem cuidado, cada dia uma nova e vasta série de documentos cartográ-

ficos nos esperava na mesa para ilustrar as aulas daquele dia; foram planejados e realizados exercícios práticos com os alunos e houve ainda uma visita guiada à Comissão de Demarcação de Limites. A profa. Isa nos forneceu ainda farto material didático sob a forma de apostilas e mapas.

Durante o decorrer da aula D. Isa freqüentemente punha problemas e questões aos alunos o que levava a uma efetiva participação durante todo o tempo. Além disso, tôdas as afirmações importantes eram ilustradas com farto material cartográfico, sempre renovado. Durante a exposição era feita uma apresentação, com comentários críticos, da bibliografia sobre cada assunto. Foram aulas de um elevado nível, numa matéria considerada básica para todo conhecimento histórico.

A visita à Comissão de Demarcação de Limites foi um complemento muito bom às aulas de cartografia. Mostrou-nos a utilidade prática da cartografia, as diversas técnicas e instrumentos utilizados e como aplicar tudo isto num problema concreto: o da demarcação de limites.

No fim do curso D. Isa fez um resumo retrospectivo do que havia sido dado relacionando os vários assuntos e fazendo uma síntese interessantíssima e muito produtiva do curso.

A opinião unânime de todos os participantes foi de que, devido ao enorme interesse do assunto, o curso de Cartografia histórica deveria ser estendido em pelo menos o dôbro do tempo, a fim de que pudéssemos ver com mais detalhes e maior vagar certos assuntos e realizar um número maior de exercícios práticos.

*

HERÁLDICA.

Duração: 18 horas.

Neste curso travamos conhecimento com a História da ciência e da arte dos escudos de armas, com a gramática e vocabulário heráldicos, as peças honrosas, a iconografia heráldica, a ordenação das peças e figuras heráldicas e a técnica de brasonar (ler um escudo de armas e seus acessórios).

As aulas foram ministradas pelo prof. Paulo Braga de Menezes numa das salas de aulas do Arquivo Nacional, com a utilização de *slides* e variados exercícios práticos. Foram distribuídas apostilas no início do curso e com isto os alunos puderam acompanhá-lo melhor. Os exercícios práticos foram muito bons por que obrigavam cada um a rever diàriamente o que aprendeu, consultando as anotações e apos-

tilas, e aplicando praticamente. Depois, com a correção no dia seguinte, em classe, dos exercícios cada um via o que fez de errado e logo corrigia, não deixando que se sedimentassem noções errôneas. O prof. fez sempre a ligação da Heráldica com a História, ressaltando a importância da colaboração daquela para o estudo desta. Ainda tomamos conhecimento e vimos algumas cartas de brasão originais, pertencentes atualmente ao Arquivo Nacional.

A impressão geral do curso foi muito boa, com alguns comentários e sugestões:

- talvez fôsse mais interessante dar primeiro as partições e noções de gramática e depois mostrar a evolução da heráldica com a complicação gradativa;

- dar no fim uma recapitulação geral dos assuntos propostos, sintetizando o curso;

- organizar melhor a utilização de *slides*, pô-los na ordem de exposição do tema e completá-los de modo a cobrirem todos os assuntos;

- fazer um maior número de exercícios práticos sobre cada assunto de modo a fixar bem, inclusive dando um maior número de exercícios de leitura de brasões;

- entregar sempre as apostilas com antecedência de modo a se poder acompanhar produtivamente o curso;

- não deixar de fazer uma apresentação detalhada de cartas de brasão originais com comentários sobre seu registro e aprovação;

Em suma, todos foram unânimes em achar que o curso de heráldica exigia maior tempo: deveria ter no mínimo o dobro do tempo.

*

TRABALHO HISTORIOGRÁFICO PROPRIAMENTE DITO.

Duração: 20 horas.

Com êste curso aprendemos como se faz uma pesquisa histórica, quais as suas diversas fases, como se deve fazer a crítica interna minuciosa de um documento, vários tipos de documentos e de instrumentos de trabalho com que o pesquisador lida, preparo de fichas, resumos de documentos etc.

Êstes assuntos nos foram expostos conjuntamente pela equipe do Serviço de Pesquisa Histórica do Arquivo Nacional (José Gabriel da

Costa Pinto, Myrtes da Silva Ferreira, Celina Coelho de Jesus e Jaime Antunes da Silva) com farta exemplificação da pesquisa sobre Graças Honoríficas conferidas no Brasil de 1808-1891, realizada por aquele Serviço, além de uma série de exercícios práticos e trabalhos dirigidos cuidadosamente programados e sollicitamente assessorados pelos diversos membros da equipe.

O curso foi considerado o fundamental dentro do Curso geral. A equipe era bastante didática e ficou bem clara para nós a importância do trabalho em equipe para resultados mais satisfatórios e completos; os exercícios foram muito bem escolhidos e nos puseram em contacto prático com os documentos e com as dificuldades concretas com que se depara o historiador.

Unânimemente todos acharam que se deveria dar mais tempo para um curso como este (pelo menos 2 semanas) e que, num Curso de Técnicas de Pesquisas Históricas ele deveria ser o curso central, em torno do qual girariam os outros.

Foi muito positivo, devido à natureza do tema especificado, o facto deste curso ter sido programado junto com o curso de Heráldica, pois um facilitava a compreensão do outro, esclarecia as coisas, permitindo uma visão mais completa.

Foi considerado um dos melhores cursos ministrados.

*

PRÁTICA DE PESQUISA INTEGRADA.

Duração: 40 horas.

Este curso foi dado em Petrópolis nas dependências do Arquivo e Museu Imperial. Pelo facto de termos num mesmo local arquivo, biblioteca e museu, pôde-se dar uma visão bastante completa da integração das diversas fontes documentais escritas ou não, para a realização de uma pesquisa histórica.

Os profs. Gerardo Brito Câmara e Maria Amélia Migueis já haviam em 1969 organizado um curso de *Elementos de Técnica de Pesquisa* para alunos de História da Pontifícia Universidade Católica de Petrópolis, são ambos professores e fizeram um planeamento detalhado de magnífico conteúdo, de modo a que os alunos pudessem aplicar em exercícios completos de pesquisa sobre determinados assuntos, tudo o que haviam aprendido com os outros cursos no Rio de Janeiro.

Com efeito, ao chegarmos recebemos uma pasta com farto material: apostilas sobre técnicas de pesquisa, cronograma das atividades

e planejamento detalhado com bibliografia, fontes documentais, cartográficas, iconográficas, museográficas, etc. sobre cada um dos três exercícios de pesquisa integrada que nos seriam propostos. Os profs. Maria Amélia e Câmara nos explicaram detalhadamente como deveríamos proceder, como seriam feitos os exercícios em equipe, qual a ênfase a ser dada em cada um dos exercícios de pesquisa.

Durante o desenvolvimento dos trabalhos esteve também presente entre nós, apesar de estar de férias, o Dr. Lourenço Luiz Lacombe, diretor do Museu, que inclusive no último dia orientou o seminário final pela manhã e nos acompanhou à tarde nas diversas visitas feitas a pontos de interesse, dando-nos valiosíssimas informações.

Com este curso então aprendemos de fato o que seja pesquisa integrada, nos seus diversos aspectos:

- entrosamento do material bibliográfico, documental, cartográfico, iconográfico e museográfico, completando-se mutuamente;

- trabalho em equipe, com seminários em que são trocadas informações, levantados e discutidos problemas;

- objetivo claramente proposto desde o início, o que leva a um trabalho orientado e racionalizado;

- planejamento prévio bastante cuidadoso, em função dos objetivos a atingir com a pesquisa;

- seminários freqüentes, ao longo da coleta de dados para trocas de informações, balanços parciais, reformulação de hipóteses, novas orientações de pesquisa;

- debate final e redação das conclusões.

Com este tipo de pesquisa corre-se menos o risco de se chegar a um resultado falho do que na pesquisa histórica tradicional, realizada por uma só pessoa, havendo um maior problema de parcialidade e sendo mais sentidas as limitações individuais do pesquisador; não se podia ver o assunto *bem* sob seus vários aspectos; uns sempre eram melhor tratados que outros, dependendo do interesse ou conhecimento do pesquisador individual.

A programação feita pelo pessoal de Petrópolis que também trabalhou em equipe (com a colaboração direta conosco de Áurea Carvalho e Vera Galluzzi, funcionárias do Arquivo e indireta, na preparação de todo o material de grande parte dos funcionários do Museu e biblioteca também) foi muitíssimo bem feita, maleável às circunstâncias, os assuntos abordados foram de grande interesse prático, houve

uma boa distribuição de trabalho entre os grupos, e uma excelente coordenação e orientação dos trabalhos por parte dos organizadores. Os trabalhos terminavam sempre por um seminário síntese que tinha um roteiro prévio para não haver dispersão.

Achamos que os temas foram muito bem selecionados e que foi muito positiva a diversidade de ênfases: no valor sócio-econômico, no valor político e no valor biográfico.

A crítica feita foi que a pesquisa mais simples, sobre a Princesa Isabel (ênfase no valor biográfico) foi feita no fim enquanto que a mais complexa: Formação de Petrópolis (ênfase no valor sócio-econômico) veio logo no começo. O prof. Câmara porém explicou que sendo os exercícios de pesquisa uma experiência pioneira também para eles, eles não sabiam se o tempo iria ser suficiente e então preferiram colocá-la logo e deixar para suprimir os exercícios menores, se fôsse necessário.

E ainda não houve tempo suficientemente grande para preparar em detalhe tais exercícios de modo que aconteceu de um ou outro documento, por não ter sido lido antes, não dizer respeito diretamente ao assunto estudado, o que será corrigido de futuro.

A pesquisa sobre Formação de Petrópolis (ênfase no valor sócio-econômico) foi a mais aprofundada, a que nos proporcionou um maior número de dados; era um tema de história local e nos deu uma visão de como evoluiu Petrópolis, que foi muito importante para se entender melhor as visitas feitas no último dia. É indispensável que este exercício seja realizado em cursos futuros.

O exercício sobre D. Pedro Regente (ênfase no valor político) foi mais complexo, exigindo alguns conhecimentos sobre a vida política na época; os alunos sozinho não conseguiram chegar a conclusões, mas com o seminário final muita coisa ficou esclarecida.

O exercício sobre a Princesa Isabel (ênfase no valor biográfico) foi mais ameno, deu para se ter uma visão bem boa e diferente da que se tinha sobre a Princesa. Para quem está iniciando, tem efeito didático maior por ser mais simples.

Visitas.

A visita ao Museu Imperial foi um pouco corrida, mas isto foi compensado pela projeção de *slides* com objetos do Museu cuidadosamente explicados pelo prof. Câmara. Durante a visita foram muito importantes as explicações do prof. Câmara de como valorizar a peça museográfica e seu relacionamento com a História; como a partir da

análise externa do objeto fazer com que êle conte o que nos interessa. Como complementação da visita ao Museu, o *bric-à-brac* é indispensável para o manuseio e contacto direto com as peças.

Na Companhia Imobiliária vimos como funciona na prática a concessão de prazos de terra, e a sua evolução, bem documentada, por mais de um século.

Na Casa do Príncipe vimos objetos de grande interesse, explicados por êle e tivemos a vivência humana de conhecer descendentes da família Imperial em sua vida cotidiana.

A visita ao prédio da Câmara de Petrópolis foi ótimo para termos uma idéia do estilo arquitetônico tanto exterior como interior. É sumamente importante incluí-lo sempre no programa de visitas.

A ida até o Mausoléu onde estão os corpos de D. Pedro II, D. Thereza Cristina, Princesa Isabel e Conde d'Eu também foi de interesse e com as explicações dos profs. Lacombe e Câmara puderam ser notados alguns detalhes que passariam despercebidos numa visita comum.

O passeio até a Estrada Velha foi bom porque integrou o que aprendemos e deu para se ter uma visão prática de muita coisa que se tinha estudado. Seria bom fazer toda a estrada velha até o Pôrto da Estrêla ou mesmo ir até Paraibuna como se havia pensado anteriormente.

A Casa do Padre Correia, antigo pouso dos viajantes no caminho para Minas, era nossa velha conhecida através da iconografia e dos estudos feitos sobre a evolução de Petrópolis. Tivemos oportunidade de vê-la na prática. Foi muito boa também a visita à Igreja onde se encontra o primitivo altar da Casa do Padre Correia pois aí aprendemos a sentir as vicissitudes por que passa uma peça histórica e os problemas causados para o Patrimônio Histórico e Artístico em virtude disto.

A opinião unânime dos participantes foi de que êste curso foi excelente e é dos mais fundamentais, só que também precisa de ser extendido no tempo, realizá-lo no mínimo em duas semanas.

Um outro problema aqui mais agudamente sentido que nos outros cursos, foi a necessidade de um curso prévio de paleografia, para que o aluno não sinta tanta dificuldade e não seja moroso ao entrar em contacto direto com documentos originais.

*

DOCUMENTAÇÃO SONORA.

O prof. José Paes de Barros, chefe da Seção de Documentação Sonora, preparando a visita guiada com atividades pedagógicas de três horas e meia a quatro horas, que foi planejada na programação global do curso de Técnicas de Pesquisa Histórica, elaborou especialmente para os alunos deste curso e logicamente para sua utilização futura, uma apostila detalhada sobre o histórico, acervo, dependências e aparelhagem técnica da sua seção, sobre os diversos tipos de documentos sonoros, sua conservação e limpeza, sobre a evolução do fonógrafo, sobre os instrumentos musicais brasileiros e por fim uma bibliografia sobre folclore musical brasileiro. Além disso, providenciou para distribuição entre os alunos um artigo de Claude Henry Leconte, *A propósito de Arquivos Sonoros*, ressaltando a enorme importância atual da documentação sonora.

Já quando fizemos a visita guiada às dependências do Arquivo Nacional o prof. Paes de Barros nos deu explicações interessantíssimas sobre a sua seção e documentação nela contida. Deveria, pelo cronograma, explicar em maior detalhe os vários tópicos a que se referiu na apostila no último dia do curso (30 de julho, sexta-feira), pela manhã.

Os alunos, no entanto, extremamente cansados por todas as atividades e sobrecarga do curso todo e já tendo tomado conhecimento da seção de Documentação Sonora e da apostila, resolveram não comparecer. Estive pessoalmente na ocasião com o prof. Paes de Barros a quem pedi imensas desculpas pois fui testemunha do enorme zelo e cuidado com que ele preparou tudo e peço novamente agora, em caráter oficial, as nossas mais sinceras desculpas pelo não comparecimento dos alunos a esta última aula.

*

BALANÇO GERAL DO CURSO.

Procurando agora dar um balanço do curso como um todo, começo ressaltando a enorme eficiência e prestimosidade de todas as pessoas e instituições com as quais entramos em contacto durante a realização deste curso. Fomos de fato recebidos com a máxima consideração e em todas as entidades várias pessoas se mobilizaram no preparo e realização dos cursos que nos ministraram, tudo fazendo para que as coisas corresse da melhor maneira possível, pelo que somos a todos e a cada um, especialmente gratos.

No que se refere à aprendizagem global ocorrida, foi bastante boa, e melhor do que eu falam os monitores participantes, de cujos relatórios finais retirei os trechos que se seguem:

- “Pude pela primeira vez tomar contato direto com o documento, e mais: ter tóda uma orientação de como manejá-lo”.
- “O curso nos deu familiaridade com o documento e outras fontes de que podemos lançar mão para a pesquisa, além do hábito de leitura de documentos para futuros trabalhos”.
- “Com êste curso aprendemos:
 - como tirar o máximo de um documento que se tem às mãos;
 - a não ir tirando dados e acreditando em tudo o que diz um documento antes de checar com outras fontes documentais;
 - a necessidade do historiador recorrer a outras fontes auxiliares da História”.
- “Como conteúdo, Heráldica e Cartografia foram muito importantes e mais: o conhecimento prático da paleografia, embora restrita a um período mais ou menos recente; a descoberta por assim dizer das artes menores como fontes auxiliares da pesquisa histórica, a forma de se executar a síntese de fontes bibliográficas e documentais, constituíram pontos positivos dêste aproveitamento”.
- “Em termos de expectativa o curso correspondeu muito acima do esperado, concorrendo para um rendimento muito bom no nível pessoal”.

Pessoalmente informo que os cursos considerados melhores por todos foram os de maior duração, em que se teve mais tempo para assimilar e amadurecer um pouco mais os assuntos abordados (especialmente Heráldica e Cartografia), mas os pontos altos foram aqueles em que os alunos puderam sintetizar todo o aprendido, aplicando-o praticamente em trabalhos concretos (Trabalho historiográfico propriamente dito e Prática de Pesquisa Integrada).

Quanto à presença e assessoria do corpo docente, melhor que eu falam mais uma vez os monitores participantes:

- “Os professores das diversas entidades foram excelentes na sua orientação, no seu interesse por nós, proporcionando um clima que nos deixou muito à vontade para que pudéssemos aproveitar todas as informações que nos davam”.
- “A assessoria dada pelos professores dos vários cursos foi muito elogiável e a presença dos professores da Pon-

tífica Universidade Católica uma necessidade, por que inúmeras vezes os objetivos propostos não eram bem dados e uma introdução ou relacionamento feito por estes esclarecia a situação”.

- “A presença dos professores da Pontifícia Universidade Católica foi muito boa por que nos deram incentivo, apôio moral e uma orientação segura do que pretendiam com o desenrolar do curso, a nosso favor”.

Com este curso, do modo como ele foi organizado e realizado, pudemos sentir claramente a importância de um planejamento cuidadoso, e da avaliação constante e relatórios ao final de cada curso para um balanço crítico que nos leva a correções, adaptações, e aperfeiçoamentos constantes.

Depois das atividades didáticas ainda os alunos dedicavam uma hora ou pouco mais diariamente para os balanços do dia; isto era cansativo para quem já cansativo para quem já tinha tido um dia puxado, mas produziu excelentes resultados. Falam os monitores:

- “As avaliações diárias e de curso são boas, permitindo ao organizador ver o que os alunos acham, as dificuldades que sentem, e adaptar a programação a eles”.
- “Os balanços diários e de curso são importantes embora se tornem carga exaustiva no fim de cada dia e algumas vezes fonte de descontentamento. São importantes por que constituem um retrospecto do dia e uma conscientização da matéria dada”.
- “Quanto aos balanços diários, apesar de muitas vezes nos aborrecermos, foram bons, pois estes nos obrigavam não só a uma participação na aula, mas também a observar todo o comportamento do professor que ministrava a mesma. Por outro lado, fazendo-se os relatórios diários, pudemos observar o progresso ou não do curso, e inclusive as falhas que poderiam ser sanadas”.
- “Os relatórios finais por escrito de cada curso são muito importantes e devem ser exigidos dentro de um prazo pequeno após o seu término por que as idéias estão vivas na cabeça de cada um”.
- “A auto-avaliação é importante por que obriga o indivíduo a refletir sobre o que foi dado e ver o que realmente aprendeu”.

No global, as críticas feitas que sugerem aperfeiçoamentos futuros foram as seguintes:

— Há uma necessidade absoluta de se ter entre os vários cursos um de *Paleografia* e logo no início, para auxiliar, facilitando, a leitura de documentos originais que é uma constante em quase todos os cursos ministrados.

— A carga horária foi muito grande, ficando um pouco cansativo o curso. Especialmente em se tratando de um curso de férias, seria melhor se fôsse programado num turno só ou com períodos de folga mais frequentes.

— Este curso deveria ser desmembrado em outros cursos menores, dando maior número de horas para certos cursos e não sobrecarregando o horário do aluno. Poder-se-iam transformar em uma série de cursos desmembrados sobre as disciplinas auxiliares da História ou prática de pesquisa, que os alunos iriam fazendo em períodos de férias ao longo do seu curso universitário e obtendo assim créditos optativos.

— O tipo de curso que foi dado ou cursos desmembrados são muito úteis e poderiam ser dados em São Paulo mesmo, com instituições e especialistas locais, o que facilitaria o acesso a um número bem maior de alunos.

No geral, portanto, o curso foi considerado *Excelente* por todos. Os objetivos a que nos propusemos (que constam da cláusula primeira do convênio celebrado entre a Pontifícia Universidade Católica e o Arquivo Nacional) foram *integralmente* atingidos e os resultados, mais que satisfatórios.

Participaram integralmente do curso os alunos:

Adriana Beretta.
Araci Maria Petri.
Eli Marilu de Almeida.
Maria Candelária Volponi de Moraes.
Marlene Pécora.
Marlene de Souza.
Walter Cavallari de Queiroz Guerreiro.

Participou de todos os cursos exceto o de Petrópolis (Prática de Pesquisa Integrada — 40 horas) a aluna:

Maria de Fátima de Andrade Terezo.

E ainda, o prof. Holien Gonçalves Bezerra, da disciplina Introdução aos Estudos históricos no Ciclo Básico participou, dando-nos a sua valiosa colaboração docente, nas duas primeiras semanas do curso,

motivando e orientando os alunos, colaborando na organização dos balanços diários, na liderança das reuniões do grupo, na síntese das colocações dos alunos, na crítica e adaptação da programação aos alunos, etc.

Para efeitos de expedição de certificados aos alunos, deve constar dêle a relação dos cursos ministrados, o número de horas de atividades didáticas, de cada um dêles, e a nota de aproveitamento.

Difícil se torna para o professor num sistema de avaliação e acompanhamento constantes dos alunos, reduzir a símbolos numéricos o aproveitamento de cada um. Sendo porém uma exigência formal para dar valor ao certificado, acho então que, para a aluna Maria de Fátima de Andrade Terezo se deve expedir um certificado com a relação nominal dos cursos feitos (com exceção do de Prática de Pesquisa Integrada — 40 horas) e o número de horas de cada um, num total de 120 horas e a nota de aproveitamento 7 (sete).

Os demais alunos devem receber o certificado com a totalidade dos cursos ministrados, a saber:

Histórico e Organograma do Arquivo Nacional — 6 horas.

Organização e classificação de documentos — 9 horas.

Museu Nacional — 3 horas.

Conservação e Manuseio de documentos antigos — 16 horas.

Bibliografia básica de História do Brasil — 8 horas.

Microfilmes (Arquivo Nacional) — 4 horas.

Organização de Arquivos (Itamaraty) — 16 horas.

Cartografia Histórica (Itamaraty) — 20 horas.

Heráldica (Arquivo Nacional) — 18 horas.

Trabalho Historiográfico propriamente dito (Arquivo Nacional)
— 20 horas.

Prática de Pesquisa Integrada (Arquivo e Museu Imperial) —
40 horas, num total de 160 horas, e nota de aproveitamento
9,5 (nove e meio). Conviria também constar do certificado
o local em que se realizou cada um dos cursos.

*

* *

III — SUGESTÕES.

A). — *Para melhorar este tipo de curso.*

— Em se tratando de Curso de Férias, e sendo o Rio de Janeiro uma cidade indiscutivelmente maravilhosa, mister se faz reduzir a

carga horária. Elaborar cursos de 4 a 5 horas de atividades diárias, num turno só, dando aos alunos maior tempo para descansar, conhecer o Rio de Janeiro, variar atividades, assimilar melhor o que aprendeu cada dia, fazer os exercícios práticos marcados para o dia seguinte.

— Naturalmente que, se as críticas feitas a muitos cursos é que ficaram um pouco corridos devido à exigüidade do tempo, mister se faz ampliar a carga horária de cada um, o que só poderá ser feito desmembrando este curso em cursos menores, com maior carga horária para cada disciplina. Exemplo: Paleografia, Heráldica, Cartografia, Trabalho historiográfico propriamente dito (com a equipe do Serviço de Pesquisa Histórica do Arquivo Nacional), Prática de Pesquisa Integrada (Arquivo e Museu Imperial), alguma combinação dos outros cursos, como por exemplo: Histórico e Organograma do Arquivo Nacional, organização e classificação de documentos (pegando as várias seções do Arquivo Nacional) e Conservação e Manuseio de documentos antigos.

Enfim, conforme a disponibilidade do pessoal ou as necessidades da instituição que envia alunos se “monta” uma programação de férias, nunca esquecendo de não sobrecarregar o horário.

— Ainda deverá ser pensado, no caso de cursos de férias para alunos não cariocas, o alojamento dos estudantes no Rio de Janeiro. Este foi um dos problemas que sentimos agudamente pois embora tenhamos conseguido resolvê-lo, não foi de maneira ideal, o que teve alguns reflexos sobre o curso (atrasos, cansaço, etc.). Seria bom se houvesse uma maneira institucionalizada de enfrentar o problema (através de convenio com alguma entidade que possua alojamentos de que possa dispor por períodos curtos em tempo de férias, ou algo no gênero).

B). — *Possibilidades de continuação futura do entrosamento entre a Universidade e Arquivos e Museus.*

Dentro da linha do curso seguido, e levando em consideração que na Universidade re-estruturada o aluno deverá fazer seu curso mediante a obtenção de créditos e não a seriação, a mais importante maneira de mantermos um fecundo e permanente contacto entre o curso universitário de História e instituições do tipo Arquivos e Museus seria a realização nestes, de cursos intensivos específicos, nos períodos de férias, sobre disciplinas auxiliares da História ou prática de pesquisa integrada que seriam feitos regularmente mediante uma programação constante entre o Arquivo e/ou Museu e a Universidade interessada, por convênio.

Aos alunos interessados em cursar História a Universidade daria informes detalhados sobre estes cursos que seriam optativos, porém de acordo com a carga horária de cada um, valeriam um certo número de créditos. Ficaria a critério do Departamento de História exigir ou não (acredito que se deveria) que o aluno cumprisse um número mínimo de tais créditos de cursos em períodos de férias escolares. E se o aluno pretendesse uma especialização maior, ele poderia programar o seu currículo de tal modo a fazer, ao longo dos seus anos de curso, vários ou todos os cursos apresentados.

Havendo um fluxo regular, esses cursos seriam multiplicados visando a atender às necessidades dos alunos e dar-lhes a parte prática, freqüentemente pouco cuidada, por falta de elementos básicos necessários, nos nossos cursos universitários de História.

Embora seja a mais importante e a mais ligada aos nossos interesses diretos no momento, em que reformulamos na nossa Universidade os nossos cursos objetivando torná-los mais operacionais no sentido de fornecer realmente ao aluno os instrumentos de trabalho de que ele deverá lançar mão como profissional, esta não é em absoluto a única possibilidade que temos de manter permanentemente o contacto com instituições do tipo Arquivos e Museus.

Neste mesmo curso que fizemos em julho, vários outros pontos comuns de interesse se deixaram entrever.

Há nos Arquivos e Museus, por exemplo documentos e peças de sumo interesse que poderiam ser reproduzidos em microfilmes, fotografias ampliadas em preto e branco ou *slides* que seriam usados, de acordo com as modernas técnicas pedagógicas, em trabalhos dirigidos, estudos de grupo, exercícios de pesquisa integrada na Faculdade, etc. Convênios poderiam ser feitos entre a Pontifícia Universidade Católica e várias dessas entidades para que pudéssemos montar o nosso acervo de recursos básicos para o ensino renovado.

Havendo a preocupação de darmos ao aluno uma visão prática da profissão que ele escolheu, o projeto de História já prevê obrigatoriamente estágio de pesquisa para o aluno (orientada pelo professor da área escolhida) que daria muito melhores resultados se realizado em programação conjunta com os Arquivos e Museus onde estivessem guardadas as fontes de estudo.

Isto por outro lado teria a vantagem de já ir habituando o aluno ao convívio freqüente com estas instituições e ao contacto direto com o documento podendo resultar, já em nível de pós-graduação em diante, em fecundos trabalhos de pesquisa sobre muitos pontos obscuros e

mal conhecidos de História local por exemplo. O conhecimento histórico em geral muito lucraria com isto e o nível cultural das monografias e trabalhos apresentados se elevaria sensivelmente, pois se teria aliado o instrumental teórico fornecido pela Universidade à matéria prima básica abundantemente existente, mas muito pouco conhecida e explorada, nos Arquivos e Museus.

E ainda, não só a Universidade sairia ganhando com êste intercâmbio. Os estágios práticos de alunos poderiam ser feitos de modo a auxiliar Arquivos principalmente, a conhecer, decifrar e ainda arrumar e catalogar grande parte de seus acervos, muitas vezes desconhecidos por falta de pessoal competente e cuidadoso para lidar com êles. A idéia não é minha, mas do próprio Dr. Raul Lima, diretor do Arquivo Nacional. Os alunos teriam por parte dos Arquivos tôda a orientação técnica necessária, tomariam um contacto prático com o documento adextrando-se na sua leitura, familiarizando-se com a sua problemática, habituando-se ao seu manejo, e prestariam por outro lado um importante serviço ao Arquivo, a sí próprios e a futuros pesquisadores ajudando na identificação e classificação de documentos que muitas vezes se tem sem nem se saber direito o que é.

Naturalmente que, com o permanente contacto e convívio entre especialistas pertencentes a Arquivos e Museus e professores e pesquisadores dos cursos Universitários, muitas outras idéias surgirão, muitos modos de contacto freqüente se delinearão. Estas são apenas algumas idéias preliminares, que já poderíamos ir pondo em prática.

C. — *Como aplicar no curso universitário de História a experiência adquirida neste curso de julho.*

Ficou muito clara para nós a importância e necessidade dêste contacto permanente com instituições que guardam fontes históricas, de modo que, dentro do planejamento anual de curso cada professor e/ou a equipe de professores do Departamento de História deveria incluir necessariamente algum tipo de contacto desta espécie. O modo como isso deverá ser feito varia de disciplina para disciplina, se fôr feito individualmente por cada professor, mas poderá obedecer a uma orientação geral, se fôr programado em conjunto pelo Departamento. Por exemplo: de dois em dois anos realiza-se um Simpósio de professores universitários de História. Nestes Simpósios são permanentes as seções de Metodologia e didática da História e Levantamento de fontes primárias; além disso, há uma seção temática e o tema do próximo Simpósio é sempre pré-fixado durante o decorrer de cada um de modo que, com dois anos de antecedência já se sabe qual vai ser o tema principal do próximo Simpósio. Assim o departamento poderia pro-

gramar uma pesquisa integrada, em equipe de professôres, monitores e alunos, com a duração de um ano e meio a dois por exemplo de modo a estar sempre levando colaborações científicas novas a tais conclaves.

Um dos objetivos a que nos propusemos com a realização deste curso

“fazer sentir a necessidade de entrosamento de diversas disciplinas e do trabalho em equipe para a obtenção de resultados mais completos e satisfatórios”

foi plenamente atingido e nos marcou sobremaneira, pois com a prática de pesquisa integrada pudemos ver na prática os efeitos de um trabalho cuidadosamente planejado e avaliado, e realizado em equipe. O que conseguimos fazer em 40 horas de trabalho (em Petrópolis) um pesquisador sozinho certamente levaria pelo menos 400 para fazer e pode ser que ele não conseguisse perceber tôdas as nuances.

O espírito de equipe docente, presente em tôda a reformulação da nossa Universidade, encontra-se plenamente identificado com esta necessidade de trabalho em conjunto que sentimos com a pesquisa integrada que fornece sem dúvida alguma, resultados muito melhores e num menor espaço de tempo, que a pesquisa histórica tradicional.

A última sugestão a fazer, e esta mais à nossa Universidade do que ao próprio Arquivo, é que não deixemos de aproveitar os monitores aqui formados nas nossas equipes docentes, que, com o entusiasmo que adquiriram, a motivação, o interêsse e principalmente os conhecimentos e habilidades, estão em excelentes condições de funcionar como fermento na massa, dinamizando com a sua colaboração efetiva, todo o nosso processo de reformulação nesta difícil fase de transição em que muito é exigido do corpo docente em matéria de entusiasmo, capacidade de trabalho em equipe, e de planejamento, avaliação e aperfeiçoamento constantes.

*

* *

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *José Roberto dos Santos Pereira* (FFCL/Avaré. São Paulo).

Declara que achou excelente o relatório apresentado pela Autora, vasado em linguagem simples, porém precisa, demonstrando mais uma vez o seu dinamismo e interêsse em prol de um melhor conhecimento da técnica histórica.

Diz que gostaria, outrossim, de formular as seguintes questões à Autora:

1). — O que já foi programado na sua coordenadoria para o aproveitamento a curto prazo dos monitores participantes do curso piloto, nas cadeiras do Departamento de História?

2). — Quais os projetos que sua coordenadoria apresenta para um curso semelhante em São Paulo e se o mesmo poderá ser extensivo aos já graduados?

3). — Quais as normas ou passos essenciais para que outras regiões possam também levar a cabo tal experiência?

4). — Num plano burocrático quais as disponibilidades financeiras recebidas para a existência desse curso?

Como sugestão pede que esse relatório seja também publicado na Revista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

*

Da Profa. *Myrtes da Silva Ferreira* (Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. Guanabara).

Congratula-se com a Profa. Antonieta Nunes Aguiar pelo magnífico trabalho executado na coordenadoria do Curso de Técnicas de Pesquisas. Pelo sucesso e ótimo resultado de entrosamento, de aproximação do universitário com as entidades culturais.

Quer significar quando se usa a expressão “pioneira” como experiência, concreta, e produtiva para ambas as partes.

Não como primeira tentativa de relacionamento Arquivo Nacional Universidades. Outros acordos foram firmados antes, apenas com resultados menos felizes — “ou quase nenhum” — em face do desinteresse dos alunos ainda não devidamente trabalhados, preparados para a pesquisa documental.

Na pessoa do seu diretor, dr. Raul Lima, o Arquivo Nacional se prontifica a entrar em entendimentos com outras Universidades, que a exemplo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, desejem, se interessem em realizar cursos de férias de igual natureza.

Informa que está em estudos proposta recebida, para realização no Estado de Alagoas de um curso de Metodologia de Pesquisa Histórica a ser estruturado e ministrado pela equipe do Serviço de Pesquisa Histórica da já referida repartição.

Finalizando, pede um voto de louvor ao diretor do Arquivo Nacional, pelo trabalho que vem realizando em favor da pesquisa histórica (*).

(*) . — A Autora deixou de remeter, por escrito, à presidência da sessão as respostas dadas oralmente em plenário (*Nota da Redação*) .